

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais te amei! Eis que habitavas dentro de mim quando te procurava fora de mim! Lançava-me disforme, sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Chamaste-me, e o teu grito quebrou a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e a tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste a tua fragrância e, ao respirá-la, suspirei por ti. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e agora desejo ardentemente a tua paz.

a beleza salvará o mundo

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais te amei! Eis que habitavas dentro de mim quando te procurava fora de mim! Lançava-me disforme, sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Chamaste-me, e o teu grito quebrou a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e a tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste a tua fragrância e, ao respirá-la, suspirei por ti. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e agora desejo ardentemente a tua paz, escreve LUIZ FELIPE PONDÉ, filósofo, citando Santo Agostinho, em artigo publicado pelo jornal *Folha de São Paulo*, 01-12-2014.

Segundo este autor, "**se não tivermos humildade, sentimo-nos humilhados pela beleza de Deus. O louco desejo de Agostinho é um lugar comum na literatura mística, tradição marcada pelo encontro com esta beleza**".

Muito em breve, o amor será objeto dum qualquer composto psicofármaco. Trataremos Julieta com calmantes.

Caro leitor, cara leitora, que a sua semana se inicie com uma beleza assim tão grande: "Meu único amor, nascido de meu único ódio! Cedo demais o vi, ignorando-lhe o nome, e tarde demais fiquei a saber quem era. Monstruosa é, para mim, a génese deste amor, que me faz amar tão odiado inimigo". Trata-se duma fala de Julieta, na peça "Romeu e Julieta" de [William Shakespeare](#).

E mais: "Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais te amei! Eis que habitavas dentro de mim quando te procurava fora de mim! Lançava-me disforme, sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Chamaste-me, e o teu grito quebrou a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e a tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste a tua fragrância e, ao respirá-la, suspirei por ti. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e agora desejo ardentemente a tua paz."

O trecho é do capítulo dez das "Confissões", de Santo Agostinho.

O grande autor russo [Fiódor Dostoiévski](#) (1821-1881) dizia que a beleza salvaria o mundo. Conhecendo o abismo do desespero e do niilismo, profetizou a força da beleza como restauradora do espírito.

Segundo ele, esperava-nos um futuro em que a verdade desapareceria devido às nossas próprias dúvidas e à nossa razão, e onde, talvez, apenas a beleza pudesse recuperar a forma do mundo.

Mundo esse preparado para acolher a misericórdia, já que habitado por solitários como nós. A esperança, para este autor russo, é uma flor que brota

dos escombros. Visões de um romântico, claro. Romântico como a jovem Julieta.

Ainda que presos ao tempo --que cada dia nos assola com o desespero que parece brotar do vazio das horas e que, lentamente, nos revela o destino que nos espera--, é este mesmo tempo que ambos, Shakespeare e Santo Agostinho, chamam à cena para assinalar o momento da descoberta da beleza.

Ela acaba sempre por chegar, tarde ou cedo demais. E nós, com as nossas palavras e os nossos gestos, corremos atrás dela ansiosos por lhe dar um nome. Romeu e Deus. É pelo esforço de dar nome à doce fúria que ela instiga em nós, que recuperamos o gosto pelas coisas.

Mesmo que só seja, como diz o príncipe no final de "Romeu e Julieta", para nos mostrar como o nosso mundo não suporta a beleza de dois jovens que se amam, sem perceberem que no mundo não há lugar para tamanha monstruosidade: um amor sem lugar para existir.

A beleza que Agostinho tarda em amar, na história de Cristo, essa mesma beleza, despedaçada pela incapacidade humana de sair da cela da humilhação para a leveza da humildade - única virtude indestrutível, como diria outro grande artista, [Georges Bernanos](#).

Sem a humildade, sentimo-nos humilhados pela beleza de Deus. O louco desejo de Agostinho é um lugar comum na literatura mística, tradição marcada pelo encontro com esta beleza.

No texto de Shakespeare, Romeu é o objeto de amor avassalador da jovem de treze anos conhecida como Julieta, da nobre família dos Capuleto, representante aqui de todo o homem e toda a mulher a quem um dia aconteceu enlouquecer de amor.

No texto de [Santo Agostinho](#), Deus é o objeto. Aquele que sustenta tudo o que existe e que me é mais íntimo do que eu o sou de mim mesmo. Conhecer Deus exige de nós um autoconhecimento desconhecido para quem nunca se reconheceu como cego.

Esta é uma beleza que nasce das profundezas da cegueira de quem se sabe incapaz de criá-la, mas presente a sua presença nalgum lugar que não ele próprio.

Uma ciência do mistério, que encanta todos os que algum dia escreveram sobre ela. Ridícula, como diria o profeta russo Dostoiévski no seu maravilhoso conto tardio, "Sonho de um homem ridículo", porque inacessível para quem nunca se viu disforme.

Se tivéssemos presente o que dizia outro grande artista, [Nelson Rodrigues](#), que escrevia contos de amor e morte, passaríamos a assistir à peça "Romeu e Julieta" de joelhos.

Muito em breve, o amor será objeto dum psicofármaco qualquer. Trataremos Julieta com calmantes, como já tratamos Santo Agostinho. Eis o inferno para um romântico: a vida "bem" resolvida.

Eu dedico este prémio a uma entidade que é para mim pessoalíssima, à Grécia, cuja voz ainda paira sobre as nossas mais preciosas palavras, entre as quais, quase intacta, a poesia. Dedico à Grécia, sem a qual não teríamos aprendido a beleza, sem a qual não teríamos nada ou, no dizer da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, "não seríamos nada".
ζουν Ελλάδα, zoun Elláda, viva a Grécia.



Ditosa língua

HÉLIA CORREIA

Na ditadura da economia, a palavra é esmagada pelo número. Se a literatura salva? Não, não salva. Mas se ela se extingui, extingue-se tudo.

HÉLIA CORREIA recebeu no passado dia 7 de julho o Prémio Camões em Lisboa. Este é o texto que a escritora leu na entrega.

O peso destes nomes curvaria gente bem mais robusta do que eu, não fosse o caso de a leveza ser o primeiro atributo de um escritor. Aliás, quanto mais os frequentamos, menor pavor inspira a sua sombra.

Não venho aqui como parceira mas como íntima, como alguém mais ligado pelo amor do que por ambições identitárias. Com Luis de Camões passeio em Sintra, enquanto ele espera o jovem rei que anda pelos bosques, enfeitiçado, já um pouco ensandecido. E a ligação aos meus contemporâneos, Sophia e Saramago, Eduardo Lourenço, Maria Velho da Costa, Mia Couto, feita de encantamento e aprendizagem, toca-me infantilmente o coração quando me traz afinidades, uma flor de frangipani que esvoaça num jardim de Maputo, as palavras que não partiram com quem já partiu, uma tão querida voz ao telefone, uma carta enfeitada de papoulas. Estou com eles, não entre eles. E assim estou bem.

Devo falar de tripla gratidão: a gratidão aos promotores deste prémio ao qual foi dado o nome maior das nossas letras, a gratidão aos membros do júri que escolheram a minha escrita para tamanha dádiva, a gratidão a um acaso de nascimento que me deu como língua materna o português.

Também com gratidão evoco a tão citada, e mal, passagem escrita por Pessoa, aliás Bernardo Soares, pois que, achando-se escrita, e por ele escrita, me abre um certo caminho à ousadia: que amo mais a língua do que a pátria. Que me imagino armada, a defendê-la contra quem a quisesse aniquilar. As lutas pela independência que travámos deixam-me o arpejo de pensar que o português

se perderia, se perdêssemos. Que morte há de ter sido a de Camões, julgando que morria com a pátria, isto é, com o lugar dos seus poemas!

Rodrigues Lobo formulou-lhe o elogio de maneira concisa e musical ("branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver") durante a ocupação filipina. Os rumos da política eram uns, o castelhano em palácio havia muito que se fazia ouvir, mas essa língua da nação, tão acabada que sem esforço hoje a lemos, tão fadada para arrebatamentos de oratória como para a sátira, como para o lirismo, cultivando sem vénia a erudição para logo a seguir brincar com ela, essa língua era a grande resistente – não a expressão de um povo: a sua essência.

Faz agora oito séculos esta língua. É a prosa formal de um testamento que atesta a data. E prosas há tão belas naquele dealbar, tão saborosas ainda quando anónimas, que dir-se-iam um bom pressentimento sobre o tanto e o tão grandioso que depois ia ser escrito. Mas é na poesia que parece avistar-se um destino, no sentido não de fatalidade mas daquilo a que alguns chamam o talento colectivo e que talvez não passe de especial, convidativa variedade na fonética.

Fácil é para nós esta função de herdeiros de tesouro tão diverso e tão bem acabado, tão antigo e, no entanto, tão reconhecível. Enquanto noutras línguas a pronúncia se foi modificando, a ponto de uma rima do século XIX já não se efectivar passadas décadas, nós cantamos Camões sem que se torne necessária qualquer adaptação. Como se cada uma das palavras reconhecesse o seu momento de perfeição e nele se detivesse, porque o quis. O apetite pelos estrangeirismos, moderado que foi, não lhe fez mal. Incorporou-os elegantemente. Não me refiro às condições presentes, pois, do que ninguém sabe, ninguém fala. E ninguém sabe o que está hoje a acontecer.

O português carregará ainda alguma febre imperial no corpo e é natural que desconfiem dele. Se chega às terras de outros povos na bagagem do colonizador, em breve sai e se desnuda e se alimenta, e adormece e procria. As armaduras ficam no chão, enferrujadas, podres.

Esta paixão pela língua portuguesa, que aqui confesso, cega não será, superlativa muito menos. Entendo-a rica, porque vem das boas famílias dos antigos e o que recebeu multiplicou. Mas nunca afirmarei que é a mais rica ou a mais bela do mundo. Cada povo verá no seu idioma mais virtudes que em idiomas alheios. Que a disputa, se a houver, seja festiva, pois que os idiomas não ocupam espaço e não geram rivais mas políglotas. Anterior à festa, está, porém, aquilo que dizem História. E a História é bruta e territorial.

Para abordar o assunto do domínio da língua portuguesa sobre os povos são necessários delicadeza e conhecimento, inteligência e desassombro em dose máxima. Dou-me por incapaz e renuncio a uma tentativa de discurso. Sei, sim,

que houve opressão e apagamento. Mas talvez não nos caiba desculparmo-nos pelos conceitos e acções de antepassados, visto que não nos assumimos legatários e o *continuum* moral já foi cortado. Algum dia teremos, quero crer, a congratulação como vingança.

As línguas são os únicos seres vivos que não têm origem natural. O erro humano pode prolongar-se, mesmo inocentemente, por descuido. O português carregará ainda alguma febre imperial no corpo e é natural que desconfiem dele. Mas acontece que a repressão é mecânica e a língua é biológica. Se chega às terras de outros povos na bagagem do colonizador, em breve sai e se desnuda e se alimenta, e adormece e procria. As armaduras ficam no chão, enferrujadas, podres. A formação orgânica progride.

Que desígnio será o seu, agora, se não o de trocar e conviver, isto é, integrar a plenitude, reconhecendo e respeitando a alteridade? Com os nossos instrumentos humanistas, seremos nós os capazes de "Medir", como escreve o Professor Eduardo Lourenço, "esse impalpável mas não menos denso sentimento de distância cultural que separa, no interior da mesma língua, esses novos imaginários"?

Como num pesadelo, não sabemos por que meio fomos dar a esta nova era de horror e de destruição. Umas são nossas velhas conhecidas, outras indecifráveis, por ausência de modelos anteriores. Não lhes antecipámos a chegada. Na Idade Média que nos ameaça não há cancioneiros nem reis-poetas. Na ditadura da economia, a palavra é esmagada pelo número. A matemática, que começou nobre, aviltou-se, tornando-se lacaia. Se a literatura salva? Não, não salva. Mas se ela se extingui, extingue-se tudo.

O nosso mundo de sobreviventes está seguro por laços muitos finos. Eu vejo os fios que unem os textos nas diversas versões do português, leves fios resistentes e aplicados a construir uma teia que não rasgue. Quando o angolano Ondjaki dedica um poema ao brasileiro Manoel de Barros, quando Mia Couto reconhece a influência que teve Guimarães Rosa na sua escrita transfiguradora e transfigurada pelas africanas narrativas do seu povo; quando a portuguesa Maria Gabriela Llansol considera Lispector «uma irmã inteiramente dispersa no nevoeiro», vemos a língua portuguesa a ocupar - não como o invasor ocupa a terra, mas como o sangue ocupa o coração - um espaço livre, um sítio para viver, uma comunidade de diferenças elástica, simbiótica e altiva. Esta é a ditosa língua, minha amada.

Eu dedico este prémio a uma entidade que é para mim pessoalíssima, à Grécia, cuja voz ainda paira sobre as nossas mais preciosas palavras, entre as quais, quase intacta, a poesia. Dedico à Grécia, sem a qual não teríamos aprendido a beleza, sem a qual não teríamos nada ou, no dizer da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, "não seríamos nada".

ζουν Ελλάδα, zoun Elláda, viva a Grécia.

PÚBLICO, 07/07/2015 - 16:09

Dez livros para férias

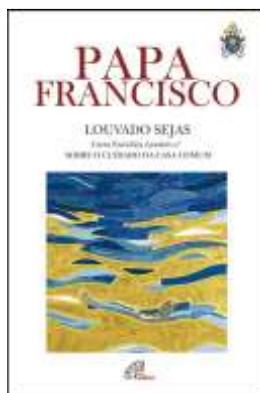
Venho propor dez livros, quase todos recentes, para as férias, defendendo mais uma vez a tese que o Verão não tem que ser tempo de literatura *light*. É nesta época que há mais tempo não só para ler como para pensar, não estando provado que o cérebro humano perca qualidades sob a acção do calor. Os temas são variados (só um dos títulos é de ficção) e a ordem é alfabética do apelido do autor.

- Fonseca de Almeida, *As Elites de Portugal. Inadaptação, crise e desafios*, Edições Vieira da Silva. Gosto de surpresas. Ia eu pela Feira do Livro de Lisboa quando o meu olhar foi atraído por este título, que já tinha dois anos. O autor, que eu desconhecia, estava por detrás do título e logo me assinou uma obra que censura as nossas elites, designadamente as actuais. Para o autor, temos elites ignorantes, conservadoras, egoístas e cruéis.

- Nuno Camarneiro, *Se Eu Fosse Chão. Histórias do Palace Hotel*, D. Quixote. Não escondo a minha ligação ao autor, que foi meu aluno no curso de Engenharia Física. A comemorar meio século de vida, as Publicações D. Quixote editam uma polifonia de vozes em quartos de hotel de um escritor já distinguido com o Prémio Leya. A capa é do controverso pintor escocês Jack Vettriano, que começou como engenheiro de minas.

- Jorge Fernandes, *O Parlamento Português*, Fundação Francisco Manuel dos Santos. O último volume (n.º 54) da colecção de ensaios da instituição responsável pela Pordata, surge bem antes da campanha para as eleições legislativas. O autor, jovem cientista político actualmente na Alemanha, confirma o que já suspeitávamos: “A Assembleia da República é uma instituição complexa na qual os cidadãos, de uma forma geral, têm vindo gradualmente a perder confiança.” As eleições são uma oportunidade para repor, pelo menos em parte, a confiança.

- Papa Francisco, *Louvado Sejas. Carta Encíclica Laudato sí' – sobre o cuidado da casa comum*, Paulinas Editora. A segunda encíclica do actual Papa é um extraordinário ensaio sobre a atenção que devemos à nossa casa comum, o planeta Terra. Não é só a ecologia, mas também a economia que nos deve preocupar.



- A. M. Galopim de Carvalho, *As Pedras e as Palavras*, Âncora Editores (prefácios meu e de Fernando Catarino). Já sabíamos que o Prof. Galopim é um

mestre das pedras e das palavras, mas aqui está a prova definitiva. Um conjunto de crónicas onde se aprende, por exemplo, que a grafite, a matéria dos lápis, é a “pedra dos filósofos.”

- Atul Gawande, ***Ser Mortal, Nós, a medicina e o que realmente importa no final.*** Lua de Papel (prefácio de João Lobo Antunes). Somos mortais, mas só nos lembramos disso quando somos confrontados com a mortalidade de alguém mais próximo (aconteceu-me há pouco com o passamento de José Mariano Gago). Da autoria de um cirurgião que ensina em Harvard, aqui está uma obra que nos ajuda no confronto com a morte.

- Paul Krugman, Thomas Piketty e Joseph Stiglitz. ***Debate sobre a Desigualdade e o Futuro da Economia,*** Relógio d'Água. Lê-se num pisco esta conversa muito fluida entre dois Nobel da Economia e o autor de *O Capital do Século XXI*. Apetece-me a propósito da dramática crise grega citar Piketty: “Mas uma moeda única com 18 dívidas públicas diferentes, com 18 taxas de juro diferentes e expostas à especulação dos mercados financeiros, com 18 regimes fiscais diferentes e em competição uns com os outros, é um sistema que não funciona nem poderá alguma vez funcionar.”



- Frederico Lourenço, ***O Lugar Supraceleste e outras meditações. Crónicas,*** Cotovia. Que bem escreve o professor de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, autor de conhecidas traduções da Odisseia e da Ilíada! E com que franqueza de alma... Qual é o Lugar Supraceleste? Se o leitor quer subir até lá faça o favor de ouvir, como eu fiz, convidado pelo autor, a última sonata de Beethoven (op. 111).

- José Tito Mendonça, ***Uma Biografia da Luz. Ou a Triste História do Fotão Cansado,*** Gradiva. Neste Ano Internacional da Luz o penúltimo volume da colecção

Ciência Aberta convida-nos a uma viagem pelos mistérios da óptica, revelando não só a história da descoberta da luz mas o percurso de vida do autor, um professor de Física do Instituto Superior Técnico que sempre procurou a luz.

- António J. M. Mouzinho, ***Da educação dos príncipes. Uma proposta de projeto educativo para o ensino público português no século 21,*** Gradiva. Tendo-nos iludido de início com o anti-eduquês e a “implosão” do ministério, o actual governo foi na educação um enorme falhanço. Ora aqui está um professor do secundário que, não simpatizando com o eduquês, propõe um rumo completamente diferente para a nossa escola pública.

Boas férias, para aqueles que as puderem ter.

Carlos Fiolhais. Físico

<http://dererummundi.blogspot.pt/2015/07/dez-livros-para-as-ferias.html>